

# HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

## **A importância do trabalho com a história de vida na formação profissional**

Devo reconhecer que o tipo de trabalho (auto)biográfico que me propus a desenvolver, no campo da Educação, não é propriamente uma novidade, uma vez que outros professores e professoras, também o fizeram. Destaco três obras, a seguir, escolhidas a título de exemplo:

- SOARES, Magda - *Metamemórias-memórias: Travessia de uma educadora*. Obra publicada em 1991, pela Editora Cortez, onde a autora, como educadora brasileira, revela sua trajetória intelectual, suas dúvidas, suas perplexidades e o caminho que a levou à plena emancipação intelectual;
- SCHULTE, Maria Rosa Heleno - *Desenrolando o Carretel: Vida de professora*. Livro publicado em 1996, pela Editora Articulação Universidade/Escola, onde a autora, como educadora brasileira, revê a sua História de Vida, e ao percorrer esta sua trajetória transforma seu trabalho em uma história da educação de uma geração. Mostra-se a si mesma no trabalho escolar, nas suas relações com os alunos;
- GONÇALVES, Carlos Alberto - *Relação Pedagógica e Aprendizagem Significativa: Um estudo autobiográfico na perspectiva do paradigma sistêmico e da autopoiese*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, Mestrado em Educação, em 2002. Este trabalho tem por objetivo apreender e explicitar as aprendizagens significativas de um professor e de seus alunos, durante o ano de 2001. O autor opta pelo método (auto)biográfico para desenhar sua trajetória de vida.

Devo, também, citar o professor Frederico Garavati, o qual apresentou sua Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, em 2002, sob o título de *O Professor de Odontologia: Histórias de Vida*. Nela, Garavati, utilizando-se da metodologia preconizada pela memória oral de vida, selecionou oito professores e duas professoras, para suas entrevistas. O trabalho tem como objetivo central *como é ser professor na história da Odontologia no Brasil*. Ele analisa, para tanto, os relatos (auto)biográficos desses professores e professoras.

Assim como o foi com eles e tantos outros e outras, o estudo (auto)biográfico permite, a quem o elabora, uma re-visão sobre a sua trajetória formativa, propiciando novas reflexões sobre os fatos passados, e portanto novas tomadas de decisões para futuros atos. Neste caso específico, o estudo de minha trajetória formativa, se propôs a analisar as problemáticas da prática pedagógica e da pesquisa.

Estes relatos (auto)biográficos

*[...] estão se tornando cada vez mais importantes como matrizes pedagógicas de formação. O que aprendemos com nossos pais? Como aprendemos a ler, a escrever, com quem? Onde e como adquirimos os valores que estão guiando nossas vidas? A obra de Paulo Freire ilustra bem esse fato: está toda entrelaçada por relatos autobiográficos<sup>14</sup>. Quando ele fala de educação, invariavelmente, fala da sua educação, da educação que teve e que estava tendo. Por isso podia falar da educação em geral. Introduzir narrativas de vida dos educadores no currículo é introduzir vida nas nossas instituições escolares (Gadotti, 2004).*

O método biográfico e autobiográfico está sendo utilizado com muito mais frequência na Educação, a partir dos anos 1980, na *formação continuada dos docentes*. Nela, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática (Freire, [1996] 2000). É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a prática do amanhã.

---

<sup>14</sup> Grifo do Autor.

## Fundamentos teórico-metodológicos do trabalho com história de vida

Os fundamentos teórico-metodológicos refletem o conjunto de princípios e referenciais que devem embasar uma pesquisa, seja ela uma pesquisa teórica ou uma pesquisa de campo. O trabalho de pesquisa que utiliza as Histórias de Vida e também a metodologia (auto)biográfica, na perspectiva de melhor compreender o mundo docente, tem por objetivo considerar a complexa trama que é formada no entretecer de elementos da objetividade histórica e cultural do sujeito em questão com os determinantes de sua subjetividade, como ser individual e portador de trajetória histórica própria. A seguir, ofereço alguns dos aspectos possíveis de serem considerados, estudados e aprofundados a partir da identificação desta trama:

- 1) Quanto aos dados históricos do momento escrito ou falado: tempo, espaço, cultura, sociedade, ideologia, condições objetivas de trabalho, valores, moral.
- 2) Quanto à trajetória de formação do docente:
  - i. Compreender como foi se constituindo sua concepção sobre a relação pedagógica;
  - ii. Conhecer a sua produção acadêmica, o direcionamento de sua intencionalidade política e o impacto de suas ações sobre o conjunto social;
  - iii. Compreender o processo segundo o qual foi se elaborando seu modo de construir os saberes docentes, saberes necessários ao trabalho pedagógico prático;
  - iv. Conhecer as dificuldades, os obstáculos, os desafios que estimularam ou desestimularam seu avanço como profissional docente, assim como os seus desgostos, as suas tristezas e as alegrias que o fizeram e/ou fazem permanecer como docente.

Dentre os vários fatos que podem ser apurados da análise desta escrita biográfica ou (auto)biográfica pode-se ainda, verificar qual o envolvimento do docente com seus pares, com as instituições de ensino, e entender qual o tratamento que dá à sua capacitação, ou à sua formação continuada.

Busquei em Duran, Alves e Santos Neto (2001) compreender este conjunto de princípios, referenciais e conceitos sobre as histórias de vida de *educadores* que são enfocadas como possíveis *abordagens metodológicas da pesquisa educacional*. Eles revelam que, como antecipei anteriormente, a

*partir de memórias e vozes de educadores*, recuperam-se não apenas os conjuntos de situações que os influenciaram na escolha de sua profissão, mas também as várias implicações decorrentes desta escolha. De fato,

*tem-se acesso à leitura que fazem a atuação na escola, das satisfações e das insatisfações que decorrem das atividades que nela se desenvolvem; conhecem-se a natureza e a qualidade das relações e das interações que estabelecem com os alunos e suas famílias, com seus pares, com a administração da instituição escolar e do sistema do ensino; fazem-se presentes as representações sociais que têm sobre sua vida e seu fazer cotidiano.*

Assim, o conhecimento de todos os aspectos singulares dos *atores sociais* permite que, dentro do *movimento de ir-e-vir; do particular ao geral e do geral ao particular*, se obtenham os elementos, por intermédio de leituras mais amplas, da *realidade educacional pesquisada*. Este processo, segundo os autores, legitima *metodologicamente as histórias de vida*, como uma *modalidade* de pesquisa. Por intermédio de possíveis *indicadores* que possam ser elencados, torna-se possível *intervir adequadamente nos processos educacionais*. Estes, sob o olhar dos autores, são os meios pelos quais o docente reconstrói e dá sentido ao seu *fazer pedagógico*, ao mesmo tempo em que *favorecem e fortalecem os compromissos políticos com a prática social da educação*.

Devo ressaltar que, em seu texto, que serve de prefácio à obra *Experiências de Vida e Formação* de Marie-Christine Josso, Nóvoa (2001) salienta que a *Educação e Formação ao Longo da Vida* se refletem como tema *obrigatório na agenda política*, principalmente na União Européia, a partir dos anos 1990. De fato, é a partir deste momento histórico que

*Bruxelas escreve em todos os seus documentos que “deve ser concedida prioridade à educação e formação ao longo da vida” e que os cidadãos “devem ser responsáveis por actualizar constantemente os seus conhecimentos e melhorar a sua empregabilidade”.*

Torna-se necessário dizer que as gerações futuras terão, pelo menos, um *terço da vida* voltado para programas de formação (Nóvoa, 2001). No entanto, eu acredito que este período tende a aumentar cada vez mais, pois o *conhecimento* é infinito.

Para responder ao seu questionamento: *quem forma o formador?*, Nóvoa identificou três momentos de formação:

*o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (auto-formação);*  
*o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (hetero-formação);*  
*o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (eco-formação) (Nóvoa, 2001).*

Refletindo sobre este questionamento, entendo que o ser humano se encontra num processo de formação contínua, quando evoca a si mesmo, pela reflexão que faz sobre a sua história de vida, voltada para sua *construção pessoal*, quando na sua *relação com os outros*, ele os orienta e deixa-se orientar para o *processo formativo*, sem declinar, em momento algum, dos aspectos técnicos e / ou tecnológicos da formação.

Freire ([1992] 1993), em sua obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* refletia sobre a sua história de vida, e, portanto, sobre os momentos *formadores* de sua vida. Ele explicita com riqueza de detalhes, *a mais clara e contundente lição que já tinha recebido em sua vida de educador*. Este fato ocorreu em 1961, no SESI, em Vasco da Gama, Casa Amarela, Recife, onde Freire discutia as questões da *autoridade, da liberdade, do castigo e do prêmio em educação*.

Ao finalizar a sua fala, *um homem jovem ainda, de uns 40 anos* pede a palavra. *Fez um discurso*, diz Freire,

*que jamais pude esquecer; que me acompanha vivo na memória do meu corpo por todo este tempo e que exerceu sobre mim enorme influência.*

*[...] ele chamava a atenção do educador ali em frente, sentado, calado, se aprofundando em sua cadeira, para a necessidade de que, ao fazer o seu discurso ao povo, o educador esteja a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo. Compreensão do mundo que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através da mudança do concreto. Mais ainda, compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então.*

Na sua saída para casa, Freire, não se conteve e comentando o fato com a sua esposa Elza, dizia que as pessoas presentes não entenderam bem o que ele estava querendo dizer. Elza se posicionou da seguinte maneira:

*Não terá sido você, Paulo, que não os entendeu? Creio que entenderam o fundamental de sua fala. O discurso do operário foi claro sobre isto. Eles entenderam você mas precisavam de que você os entendesse. Esta é a questão.*

Mais tarde, ele apontou dois erros no seu discurso. O primeiro foi o uso da linguagem utilizada, *sem um esforço maior de aproximação dela à dos presentes*. O segundo, a sua *quase desatenção à realidade dura da imensa audiência que tinha em frente* de si.

Freire ponderava, anos depois, na sua *Pedagogia do Oprimido* sobre a *teoria embutida na prática daquela noite, cuja memória* ele levara para o exílio, junto com outras tantas lembranças de episódios vividos.

Freire, *refletindo sobre este momento formador*, admite ser a *formação*, um processo dinâmico que deve estar atento às necessidades históricas do ser humano, assim como, corrobora com o *valor do método biográfico – o respeito pela formação das pessoas* (Duran e Santos Neto, 2005).

Com o intuito de entender o recurso metodológico das histórias de vida, re-tornei para Santos Neto (2001), onde ele registra que este recurso *não é recente*. E apoiando-se em Bogdan, Biklen (1999) e Chizzotti (1991), ele nos revela que de forma geral

*[...] podemos dizer que a reflexão humana usou tal recurso desde há muito tempo, através da forma literária biográfica tradicional, como memórias, crônicas e retratos de homens ilustres. Mais recentemente, contudo foi a Escola de Chicago que, entre os anos finais do século passado e as primeiras décadas deste século, introduziu o estudo da história de vida como meio sistemático de pesquisa. Deixada de lado por vários anos pelos defensores das técnicas quantitativas de pesquisa, as histórias de vida, a partir dos anos 60, são retomadas juntamente com o esforço de formulação de seu estatuto epistemológico.*

O método de Histórias de Vida tem sido deixado de lado, uma vez que prevaleceu em âmbito mundial o método das *técnicas quantitativas de pesquisa*. E para mim, isto é claro, pois a minha formação de contabilista e eco-

nomista tem o embasamento cartesiano. Os pesquisadores acadêmicos e os executivos das empresas, que se utilizavam da pesquisa como ferramenta de trabalho e estudo, tinham neste método quantitativo, um método que, dentro de um certo contexto e relativamente a determinadas convenções, lhes dava a segurança científica desejada, ou seja, para muitos aquele tipo de regra que vale sempre e que proporciona um certo tipo de conforto diante de uma realidade em constante mudança e que permitia, por exemplo, anunciar a definitividade de um resultado como a soma de um mais um, isto é, dois.

Deve-se compreender que há pesquisas que devem ser tratadas de maneira qualitativa e outras quantitativamente, e ainda, há aquelas que deverão se utilizar das duas opções. Acredito que a escolha da utilização do método dependerá, sempre, do problema de pesquisa.

Em Nóvoa (1988), verifiquei que já se detectavam *três grandes movimentos de contestação ao paradigma escolar*, durante as *últimas décadas* do século passado:

- i. O primeiro, conhecido por Educação Nova, irrompe do interior do sistema educativo e atinge o auge no decurso dos anos vinte;*
- ii. O segundo é uma tentativa de resposta à crise social dos anos sessenta, tendo-se exprimido através das perspectivas da Educação Permanente;*
- iii. Finalmente, o terceiro, de contornos ainda mal definidos, manifesta-se hoje em dia através da procura de uma nova epistemologia da formação, tendo como expressões visíveis, por exemplos, as experiências em torno das histórias de vida e do método (auto) biográfico.*

Muito se fez, durante os anos 1970, para permitir que o paradigma de *Formação Permanente* se consolidasse; de fato, entre outras ações,

*inventaram-se sofisticadas técnicas de formação; conceberam-se instrumentos de formação tecnologicamente muito avançados; elaboraram-se estratégias de formação inovadoras; construíram-se locais e centros de formação modelares [...].*

Nóvoa afirma, no entanto, que *faltou uma interrogação epistemológica sobre o processo de formação*. E foi esta *preocupação* que de fato esteve presente

*nos trabalhos inovadores de vários autores que, nos últimos anos, têm procurado construir uma nova epistemologia da formação.*

*Dentre estes trabalhos é justo destacar os que se têm dedicado à utilização das histórias de vida ou do método (auto) biográfico no domínio da formação de adultos.*

Ainda em Nóvoa (1988), é a partir do momento em que se conceda ao formando o duplo estatuto de actor e investigador, estarão se criando as condições para que a formação se faça na produção do saber e não, como até agora, no seu consumo.

Chamando a atenção para o aspecto da subjetividade, Santos Neto (2001) reforça a relevância do trabalho com as histórias de vida, uma vez que, elas podem tornar-se um excelente recurso para o resgate da subjetividade em articulação com o coletivo.

Abre-se uma enorme variedade de probabilidades analíticas que pode nos levar a pensar na construção da identidade pessoal e profissional, nas escolas ou fora delas. Dentro da linha de pesquisa Formação de Educadores, este recurso pode ser usado com todos os níveis de docentes – do ensino fundamental ao ensino superior – e canalizado para preocupações com a pessoa, a prática, e a profissionalidade ou, ainda, com os aspectos sociopolíticos da ação docente.

## **A importância do trabalho com a história de vida na formação profissional**

Durante o período do Mestrado em Educação, a intenção inicial deste estudo foi a realização de um trabalho de investigação sobre a vida de professores do Curso de Ciências Contábeis e sobre a presença da pesquisa em sua trajetória formativa e em sua prática pedagógica.

O Exame de Qualificação, no entanto, trouxe-me a possibilidade de analisar a minha própria trajetória formativa com o mesmo objetivo, isto é, verificar como me constituí como um professor do Curso de Ciências Contábeis, examinando também como a pesquisa esteve presente em meu processo formativo e como ela está presente em minha prática pedagógica.

Portanto, a partir da Qualificação, o trabalho assumiu uma perspectiva francamente (auto)biográfica, pois viu-se que o estudo de meu percurso (auto) biográfico poderia ajudar a entender como alguém evolui de uma perspectiva profissional e “bancária”, na acepção freiriana, para uma posição pedagógica na qual assume a pesquisa como princípio pedagógico e na qual, também, empenha-se para constituir-se como um professor-problematizador.

Esta perspectiva coloca necessariamente a pergunta: Há validade científica, no campo geral das ciências humanas e no campo específico da educação, num trabalho desta natureza?

Ferrarotti (1988) me ajudou a responder a esta questão, na medida em que ele mesmo se coloca as seguintes perguntas:

*Como é que a subjetividade inerente à (auto)biografia pode tornar-se conhecimento científico? Se o método biográfico optar por não iludir nem renegar mais a subjetividade e a historicidade absoluta dos seus materiais, de que modo se fundamentará o seu valor heurístico?*

Ferrarotti (1988) respondeu tomando por referência a concepção antropológica de Marx para a qual é impossível separar o individual do social, e é possível chegar à referência da totalidade social, a partir do estudo do individual:

*Todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma praxis humana. Ora, se 'a essência do homem [...] é, na sua realidade, o conjunto das relações sociais' (Marx, VIª Tese de Feuerbach), toda a praxis humana individual é actividade sintética, totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma praxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante. Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou ato individual nos parece, até nas formas mais únicas, síntese horizontal de uma estrutura social. Quantas biografias são precisas para uma 'verdade' sociológica? Que material biográfico será mais representativo e nos proporcionará mais verdades gerais? Muitas perguntas que não têm talvez nenhum sentido. Pois - e frisamos lucidamente a afirmação - o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história de nossa vida individual. (...) O indivíduo não é um epifenômeno do social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um pólo activo, impõe-se como uma praxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a*

*traduzí-lo, projectando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da sua subjetividade. (...) Se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação **singular** do **universal** social e histórico que o modela, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma praxis individual.*

Deste modo, Ferrarotti percebe no trabalho com as Histórias de Vida um caminho rico que parte do individual e direciona-se ao social, o que supõe que não se trata apenas de escrever formal e isoladamente uma biografia, mas de estudar seu contexto, seus modos particulares de apreensão e resposta aos problemas, e de refletir sobre o seu significado, no conjunto das ações humanas. Este trabalho pede método, rigor, capacidade crítica e esforço de diálogo com várias possíveis interpretações.